



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

DIÁRIOS DE VIAGEM: LOUIS-FRANÇOIS DE TOLLENARE E SUAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO BRASIL

Jéssica Priscila de Melo

Graduando em Licenciatura em História e bolsista do PIBIC/CNPq, UFCG, Campina Grande – PB

jеспmelo@live.com

José Otávio Aguiar

Professor Doutor, Unidade Acadêmica de História, UFCG. Campina Grande-PB.

otavio.j.aguiar@gmail.com

No início do século XIX com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, uma das medidas tomadas foi à abertura dos portos brasileiros para o comércio internacional com as nações consideradas amigas, a Inglaterra foi, contudo, a mais beneficiada, no montante deste comércio.

Como consequência dessa abertura, muitos foram os viajantes europeus que passaram pelo Brasil durante todo o século XIX. Os motivos dessas viagens eram os mais diversos – comércio, pesquisa científica, missões religiosas, levantamentos cartográficos, aventureiros, entre outros. Esses viajantes produziram muitos relatos sobre o que vivenciaram no Brasil, alguns mais do que outros carregados de preconceitos, tendo em vista que escreviam com um olhar europeu sobre o continente recém-descoberto. É nesse contexto que se insere as *Notas Dominicales* do francês Louis-François de Tollenare, que assim como os demais relatos feitos pelos viajantes do século XIX, servem ao historiador como riquíssima fonte para se pensar o Brasil oitocentista.

De acordo com Carvalho (2015, p. 137) “Louis-François de Tollenare, foi um rico negociante de Nantes [...] sua viagem tinha caráter comercial, pois havia vindo ao Brasil para negociar algodão”. As *Notas Dominicales*, consistiam por sua vez, em relatos sobre





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

as suas viagens que ocorreram entres os anos de 1816 a 1818, sempre escrevendo aos domingos, fazendo anotações acerca dos ocorridos durante a semana. Por esse hábito peculiar podemos fazer duas inferências: primeira é que as atividades comerciais as quais se dedicava deixam-lhe pouco tempo para fazer um relato diário ou, segundo, talvez Tollenare assim o fizesse por entender que desta forma conseguiriam uma melhor organização na sua escrita. O que fica claro para nós é que à medida que as coisas vão acontecendo ele vai nos informando, como ele próprio afirma: “me exponho a desordenar muito as minhas notas”, e ainda, “um exemplo dessa confusão se aqui mesmo: vou ocupar dos meus passeios em volta da cidade, e deveria certamente fazel-os proceder de notas geraes geographicas e estatísticas” .

Nosso objetivo nesse texto é tratar apenas sobre as três primeiras *Notas Dominicales*, ou seja, as três primeiras semanas em que o viajante francês Tollenare se encontrou no Brasil. Buscaremos perceber suas primeiras impressões e a forma como ele relata tudo aquilo que lhe é interessante sendo digno de nota. Bem como as possibilidades de análise que essa fonte nos apresenta.

A primeira nota data de 17 de novembro de 1816, Tollenare inicia seu relato falando sobre os aspectos do litoral pernambucano – fortes, ancoradouros, corais – como as condições de navegação existentes. Em primeiro momento, enquanto ainda se encontra a bordo do navio, sua atenção se volta para descrever as jangadas de madeira tripuladas por negros que se aventuravam no mar para pescar. Seu padrão de observação amalgama o paradigma racialista, muito comum em certas vertentes da ilustração francesa e a surpresa da descoberta. O filtro da concepção de que apenas os europeus eram passíveis de perfectibilidade estética distorce e direciona sua percepção, mas, não a ponto de impedir a subversão das teorias de gabinete pelos padrões de observação da realidade. Depois de uma longa viagem, no dia 13 de novembro de 1816, aportou, enfim, no Recife. Era sua primeira visita ao Brasil. Sobre aos seus primeiros três dias nos informa que “estes primeiros momentos foram consagrados ás visitas de negócios”. Em terra firme, enquanto se ocupa de seus negócios, ele vai observando diversas coisas como, por exemplo, a arquitetura da cidade do Recife, que, em sua opinião é “mal edificado e menos asseiado”. Podemos sentir um leve tom de estranhamento, quando fala sobre os comerciantes, pois





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

estes “trajados á européa, se reúnem numa pequena praça defronte dum café [...] e não apresentam o aspecto animado de uma bolsa de comércio”.

Todavia a descrição talvez mais marcante dessa primeira semana esteja relacionada com o que pode observar sobre a população de origem africana. Ele comenta desde a habilidade que os negros tinham para navegar as jangadas anteriormente citadas, como de seu contínuo movimento na cidade e sua atuação no mercado. O filtro de seus preconceitos se faz perceber em diversos momentos, a exemplo de suas observações sobre os corpos das mulheres negras, que, a seu ver, “apresentam pouca atratividade”, porém “as raparigas conservam os contornos graciosos da adolescência; a côr preta em pouco prejudica o encanto das suas gargantas de Hébe”. Sua mal disfarçada admiração pelos corpos femininos negros é refratada por seu zê-lo em dizer-se por elas, as mulheres afro, “pouco atraído”. Transparece, aí, uma fala para seus leitores. Ele parece precaver-se de possíveis julgamentos, ao mesmo tempo em que denota admiração mal disfarçada. Tollenare também se refere de forma um tanto quanto moralista à “indiferença geral” com relação ao pudor no mercado de escravos, onde estes eram expostos trajando nada mais que uma tanga. Logo em seguida, justifica seu zê-lo com o argumento de que que “grande número dentre elles padece de molestias de pelle e está coberto de pustulas repugnantes”. O que, para o francês, que assume o lugar de mero observador isento, “além de provocar um odor desagradável, também consegue gerar no “estrangeiro” um sentimento de compaixão” ao se deparar com tal cena. No parágrafo seguinte, crianças negras são comparadas a animais: “os negrinhos brincam entre si como macaquinhos, aos quaes muito se assemelham nos movimentos”. Toda essa descrição é carregada de preconceito, tanto em relação aos negros, como em relação à população luso-brasileira em geral, que, naturalizando tais situações, não seria tocada da compaixão que alcançava os demais europeus ao se depararem com tais quadros de desumanidade.

Em 24 de novembro de 1816, uma segunda nota foi escrita por nosso viajante francês. Ele escreve da cidade do Recife, mas, se refere a uma viagem que fez a Olinda, por ter sido essa uma viagem muito breve, pouco pôde observar. Essa é uma nota relativamente curta, e o que mais chama atenção aqui é o interesse demonstrado por Tollenare por plantas, pois havia em Olinda “um jardim de aclimação das plantas





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

exóticas que o governo estabeleceu e confiou a um francez de Cayenna”. Apesar do pouco tempo que teve para apreciar tal jardim, ele sente-se ”embriagado” com tudo o que pode ver. Ele se comprometeu então com Mr. Germain, seu compatriota e diretor do jardim, a voltar em outra ocasião e com mais tempo, para apreciar mais do lugar. O dia então termina com um jantar no Convento de Santa Thereza, que segundo nos diz esse viajante francês deveria pertencer a Terceira Ordem de São Francisco ou mais conhecida como Carmelitas Descalços. Após o jantar ele se encontra numa conversação com o guardião do convento e outro frade, os quais “demonstravam a sua erudição e o desejo de se instruir; mas, não contribuíam a instruir-me do que um estrangeiro deseja saber sobre o Brasil”.

Chega-se então à terceira semana, a nota data do dia 01 de dezembro de 1816. Essa foi uma semana bastante agitada e proveitosa, tendo resolvido os seus negócios, ele pôde desfrutar da localidade, “fazendo longos passeios a pé em volta da cidade” do Recife. Durante o período colonial muitas histórias foram contadas na Europa sobre o Brasil, narrativas de selvagens antropófagos que comiam os viajantes perdidos, entre outras histórias absurdas. Assim para se livrar dessas falsas impressões em sua narrativa, Tollenare decide por primeiro escrever um panorama da história do Brasil. Ele parte desde o século XV com as hábeis navegações, passando pela chegada dos portugueses e seus embates com os índios, findando com a ocupação holandesa da capitania de Pernambuco.

Logo após fazer todo esse panorama histórico sobre a capitania de Pernambuco, ele volta sua atenção a descrever o que viu durante os seus agradáveis passeios. São longas descrições sobre o meio ambiente, os corais, os mangues, os animais. Contudo sua atenção é maior para a flora. As árvores e plantações lhe trazem grande satisfação e fascínio. Descreve em detalhes as flores e os frutos, fala dos coqueiros, das palmeiras, do dendezeiro, tomando todo o cuidado para determinar as suas diferenças, a alguns até os denomina por seus nomes científicos, o que nos demonstra que entendia pelo menos um pouco de taxonomia. A variedade das fruteiras lhe causa espanto, são um espetáculo à parte. De algumas frutas ele muito se agrada, enquanto que outras lhe são repugnantes. Tollenare apresenta uma vasta lista – laranjeiras, mangueiras, bananeiras, jaqueiras, goiabeira e outras tantas. É importante salientar que todas essas descrições são feitas por um verdadeiro apreciador, e não de um verdadeiro botânico, porque isso de fato ele não





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

era, mas que estava sendo movido por sua paixão e curiosidade. Já para o final do seu relato ele desprende um bom tempo para falar a respeito da mandioca e de sua importância para a alimentação. Ele descreve desde o processo de cultivo até a preparação final.

As descrições feitas por Louis-François de Tollenare em suas três primeiras semanas no Brasil são as mais variadas. Ele descreve sobre a arquitetura, as pessoas, os costumes e o que lhe traz um grande prazer – sobre a flora e fauna. Algumas dessas descrições são rápidas e simplificadas, outras, contudo, são muito ricas em seus detalhes. O historiador que desejar utilizar essa fonte poderá encontrar nela muitas possibilidades para se pensar o Brasil no século XIX. É possível ao historiador tratar sobre história ambiental, sobre negócios, sobre as mulheres - em especial as mulheres negras, entre outros aspectos. Não limitamos aqui a analisar apenas as primeiras semanas, pois queríamos perceber suas primeiras impressões e como ele toda nota de tudo aquilo de novo que aqui encontra. Porém se nos debruçarmos sobre o restante do seu diário, nos depararemos com muitas outras possibilidades.

Bibliografia

Fonte

TOLLENARE, Louis-François de. **Notas Dominicais**. Trad. Alfredo de Carvalho. Instituto Arqueológico e Geográfico pernambucano, Recife, 1906.

Referências

CARVALHO, Mary Lucia Alves de. **Os comerciantes cronistas: Henry Koster; Louis François de Tollenare no Piauí do início do século XIX**. Contraponto: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2. n. 1, fev. 2015.

